

A bicha preta no divã

*Anderson Eurípedes da Silva**

RESUMO

Este artigo foi produzido no âmbito de uma pesquisa de pós graduação, cujo objetivo é retornar as bases da psicanálise clássica e relatar o silenciamento e o distanciamento desta episteme com homens gays pretos dentro da clínica. O Brasil é um país classista, homofóbico, machista e racista em sua base material histórica e cremos que uma das soluções possíveis para lidar com tais fenômenos que destroem nossas instâncias psíquicas seria qualquer tipo de psicoterapia. Nesse artigo focamos na teoria psicanalítica como ponto de análise crítica, no entanto enquanto epistemologia prática e teórica, a teoria de Freud está cada vez mais longe das periferias do Brasil e muito mais distante do acesso de bichas pretas. Para avançarmos nessa temática, é necessária uma revisão metodológica, teórica e prática para promover uma escuta efetiva e interseccional ao nosso povo. Não, os elementos que Freud nos deixou não são eficientes para adentrar nossas subjetividades, assim como a maioria dos teóricos Europeus que tanto são estudados nos institutos e Universidades deste país. Precisamos de uma psicanálise brasileira e interseccional o mais breve possível.

Palavras chaves: psicanálise clássica, bicha preta, homofóbico, interseccional, subjetividades.

*Pós Graduando em Filosofia, Cultura e Psicanálise pela PUC Paraná. Pesquisador no programa de pós graduação em Bilinguismo e Plurilinguismo pela PUC Minas; Especialista em psicopedagogia clínica e institucional pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul; Pós graduado em terapia sexual com abordagem em psicanálise; Formação em Psicanálise Clínica pelo Instituto Gaio de Pesquisa e Graduação em Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Inglesa.

The black gay on the divan

Abstract

This article was produced as part of a postgraduate research project, aiming to revisit the foundations of classical psychoanalysis and to report on the silencing and distancing of this epistemology from Black gay men within clinical practice. Brazil is a country rooted in classism, homophobia, machismo, and racism in its historical material base, and we believe that one of the possible solutions to deal with these phenomena that destroy our psychic structures would be any type of psychotherapy. In this article, we focus on psychoanalytic theory as a point of critical analysis; however, as a practical and theoretical epistemology, Freud's theory is increasingly distant from the peripheries of Brazil and even more so from the access of Black gay men. To advance this theme, a methodological, theoretical, and practical review is necessary to promote an effective and intersectional listening for our people. No, the elements that Freud left us are not efficient in addressing our subjectivities, just as the majority of European theorists studied in the institutes and universities of this country are not. We need a Brazilian and intersectional psychoanalysis as soon as possible.

Keywords: classical psychoanalysis, Black queer, homophobic, intersectional, subjectivities.

1. Introdução

Muito prazer
Eu sou o oitavo pecado capital
Tente entender
Eu sempre fui vista por muitos como o mal
Não consigo ver
Que da sua família eu sou pilar principal?
Possuo você, possuí você (Urias, 2019)

No tocante as siglas LGBTQIAPN+ muito se tem debatido sobre sexo, gênero e sexualidade. As universidades são responsáveis por produzir diversos pesquisadores e pesquisas que refletem sobre a temática de maneira profunda e embasada, todavia cabe aqui ressaltar que dentro da sigla apresentada acima é necessário aplicar a ferramenta

da interseccionalidade, uma vez que dentro de cada letra apresentada existem fenômenos culturais, raciais, econômicos e sociológicos que fazem com que seus pertencentes partam de visões de mundo e experiências socio interacionistas altamente distintas. Carla Akotirene (2018) nos leva a esta consciência por meio de sua pesquisa e afirma que a interseccionalidade é um convite a análise profunda de modo que possamos enxergar as opressões estruturais que se cruzam e se reproduzem para que não sejam analisadas de maneira isolada.

É desse pressuposto que esse artigo parte para analisar a subjetividade de gays pretas nascidas nas periferias e o gritante silêncio epistemológico da psicanálise para com o nosso grupo. Aqui iremos tratar a terminologia: “bichas pretas” como forma de subverter e se posicionar dentro de um sistema aniquilador não somente em ambientes políticos e econômicos, porém científico e metodológico. À medida que este artigo é escrito, nos deparamos com os dados do Atlas da Violência (2023) que nos mostra que a cada 10 (dez) vítimas de homicídio no Brasil, 7 (sete) pessoas são negras. Ademais a mesma pesquisa ainda ressalta que em 2022, 76,5% dos homicídios do Brasil são contra pessoas pretas ao passo que 19,4% pessoas não negras.

Para além dos números avassaladores apresentados acima, o Brasil pelo décimo quarto ano continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2022). No que concebe a essa temática, é fundamental ressaltar a escassez de dados e pesquisas sobre pessoas LGBTQs pretas e periféricas. O silêncio das instituições e as metodologias de pesquisa utilizadas para divulgar estes dados são generalistas e tendenciosos. Mesmo dentro das Universidades, ainda temos pouquíssimas pesquisas de qualidade no tocante a LGBTQs de tal intersecção.

Ademais, nosso grupo que é vítima de toda essa barbárie excludente em diversos âmbitos da vida, ainda enfrenta questões pertencentes a saúde mental. A psicanálise, ciência desenvolvida pelo médico Sigmund Freud no século XIX, tem como base a investigação do inconsciente de seres sociais; ora, se partirmos do pressuposto que a base dessa teoria é eurocêntrica, tem alicerces na família tradicional europeia e na mitologia grega, ao utilizarmos essa abordagem epistêmica na escuta de pessoas LGBTQs estaremos desconsiderando toda uma ancestralidade que nosso povo traz consigo.

Outro ponto se sedimenta no valor excludente de uma sessão de análise. Com base no Instituto Esfera (2024) um psicanalista em início em carreira tende a cobrar R\$ 80,00 (oitenta reais) ao passo que um profissional mais experiente cobra em torno de R\$ 300,00 (trezentos reais). Sabemos que existem muitos coletivos e institutos que estão se movendo para mudar essa realidade, mas com um país cuja a população

parda e preta é maior que 50 % e cujo material histórico se desenvolveu no escopo do eurocentrismo, sexismo e racismo, nos parece um grande desafio quebrar esse paradigma. Além disso, nós, pessoas LGBTQs pardas e pretas somos excluídos do mercado de trabalho por nossas características físicas, a cor de nossas peles, nossos trejeitos, nossos cabelos afros etc. Este artigo tem como objetivo dar vozes ao nosso povo preto LGBTQ que é tão subalternizado, bem como revistar as estruturas da psicanálise clínica de modo a construir epistemologias que corroborem nossa subjetividade. Para isso, traremos este trabalho as pesquisas de psicanalistas e pesquisadores cis e transgêneros pretos, pretas e pretxs que fundamentarão as ideias deste artigo.

2. O Epistemicídio LGBTQ na psicanálise clássica.

Em seu brilhante texto “Yansã enlouqueceu Freud em seu Divã”, Ivan Poli (2019) traz um diálogo fictício entre uma entidade da cultura Yorubá e Freud, o pai da psicanálise. Ao longo da conversa, percebe-se a disparidade entre a cultura Europeia e de África Subsaariana. Yansã traz o relato de suas filhas que são mulheres negras, que sofrem genocídio, racismo e são mortas pela polícia sem ao menos terem o direito de se defender. Continuando, ela ressalta que suas filhas não são reconhecidas nas instituições de ensino e as escolas só ensinam sobre mitologia grega, romana e esquecem de narrar a história de seu povo. Freud, munido de teoria eurocêntrica, a diagnostica dizendo que Yansã sofre um caso claro auto vitimização, síndrome de perseguição, histeria e diz que sua teoria sobre “a falta do pênis” se confirma após a associação livre de Yansã. Para finalizar, o psicanalista ressalta que irá analisar o caso à luz da psicanálise clássica.

O texto de Poli (2018) mostra a verossimilhança entre o distanciamento da clínica psicanalítica clássica e pessoas pretas. Acreditamos que sendo o ser humano biopsicossocial e territorial torna-se necessário analisar cada subjetividade morfológicamente. As teorias do falocentrismo, complexo de Édipo, dos sonhos, primeira e segunda tópica e tantas outras contribuições de Freud, precisam ser revistas, criticadas e analisadas para cada contexto. Continuar se fundamentando em epistemes do século XIX, advindas da Europa que foram desenvolvidas e pensadas para um grupo hegemônico, é desrespeitar a história ancestral de povos milenares que têm em sua linhagem reis, rainhas, sua própria literatura e costumes. Por mais que o processo de colonização tenha metodologicamente apagado

isso da psique do nosso povo, é consoante olhar para trás e pensar numa psicanálise que abarque cada micro aspecto mencionado nesse texto.

Neusa Santos (1983) já pensava estas questões e criticava a psicanálise clássica ao afirmar que tornar-se negro é uma vicissitude que a psicanálise não consegue interpretar complementemente. Corroborando a teórica, pretos e pretas deste país nascem num sistema esmagador que faz com que nosso grupo se marginalize (no âmbito populacional) e desenvolvam estigmas que afetam nossa auto imagem e auto estima. Isso tende a piorar quando tratamos da questão da gay preta no Brasil.

O machismo é um fenômeno sedimentado na cultura brasileira. É por ele que segundo aponta a revista Carta Capital (2022) as mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio no país, sendo 61% mulheres pretas e pardas. Subjacente a estes dados, no ano de 2023 registrou-se 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ segundo o grupo gay Bahia (GGB). Vale ressaltar que deste grupo 127 eram travestis e transgêneros, 118 eram gays, 9 lésbicas e 3 bissexuais. A metodologia exploratória que se utilizou nesta pesquisa, assim como a maioria dos dados tocantes ao grupo LGBTQ+ são falíveis em sua interseccionalidade. Como somos postos em locais da escória da sociedade, às vezes até mesmo pelas próprias famílias biológicas, a maioria dos casos desta estática tem vasta possibilidade de serem pessoas pretas e pardas. Glaucia Pereira (2020) já nos alertava sobre a ausência de dados de pesquisa para pessoas pretas no Brasil. Para a fundadora da revista Multiplicidade Mobilidade Humana, o absenteísmo de dados está relacionado ao racismo estrutural e isso impacta diretamente a ascensão de pretos no mercado de trabalho e até mesmo no direito de ir e vir do nosso povo. Segundo ela, uma das formas de segregar é vetar a mobilidade entre as periferias e os bairros nobres das cidades, desta maneira pessoas pretas não podem ir ao teatro, museu e obter qualquer tipo de cultura. Embora mais uma vez essa pesquisa seja limitada por não abarcar nossa comunidade de gays pretas, isso nos mostra que o racismo estrutural enquanto projeto político ideológico, nos excluí até mesmo de aparecer em dados quantitativos e qualitativos.

1. A bicha preta no Brasil

Ser uma gay preta no Brasil é sinônimo de abandono da sociedade e até mesmo dentro da própria comunidade gay. Sofremos na

infância por gostarmos de fazer “coisas de meninas”, somos chacota entre os primos e os amiguinhos da rua. Quando ingressamos na escola, principalmente na adolescência, sofremos bullying, pois não somos “homem o suficiente” e ainda temos a agravante de sermos pretos e por isso temos de honrar nossa cor. Os amigos vão te deixar de lado, as amigas serão suas companheiras, pois você é o “viadinho” e “viado” sempre anda com mulher. Em muitos casos há agressão física, psicológica, às vezes até sexual e você precisa passar por tudo isso sendo forte, porque homem, principalmente se ele for preto, não chora.

Já na comunidade gay, espaço esse, onde você poderia ser acolhido pelos mesmos semelhantes que passaram as mesmas coisas que você, acontece o efeito rebote. A gay preta para caber nos padrões da comunidade precisa ser alta, forte, máscula e com atributos sexuais avantajados, se for afeminado não serve. A maioria das gays pretas desenvolvem sua sexualidade muito cedo em cinemas para adultos, quartos escuros de boates, saunas ou em parques públicos correndo o risco de serem esfaqueados, assaltados, contraírem alguma doença sexualmente transmissível e por fim mortos.

No mercado de trabalho, a gay preta precisa caber nos padrões sociais do Brasil: cabelo cortado, barba feita, sem mostrar traços femininos e além de tudo isso, precisa falar outros idiomas, estudar em Universidade, não morar muito longe do centro e jamais usar qualquer traje que remeta ao sexo feminino. Juntando todos estes pontos, a saída para lidar com toda essa demanda, seria buscar algum tipo de psicoterapia para enfrentar todo esse lixo que nos é jogado ao longo da vida, como a psicanálise que é abordada aqui. Todavia, como pagar um analista se você mora longe dos bairros burgueses e levaria horas pra chegar? Como fazer análise se o preço de uma sessão é exorbitante para quem vive na subalternidade?! Como fazer análise se na maioria dos casos você nem sabe o que é ou a importância de uma análise?! E por fim: como fazer análise se toda a ferramenta que ela possui não foi desenvolvida pra você? Ao buscar dados referentes ao suicídio na população LGBT não encontramos nada efetivo e que pudesse ser validado neste artigo. Muitas pesquisas se baseiam em dados, os quais a metodologia não é clara sobre seu método de investigação ou dados generalistas que tratam LGBT como um único escopo. Não trouxemos pesquisas nessa temática feitas somente com alunos de Universidades públicas ou privadas, uma vez que esse espaço, por todos os fatores que já mencionamos acima, é onde se encontra o menor número da população preta e principalmente de bichas pretas.

3- Existe a possibilidade para a gay preta deitar no Divã?

A interseccionalidade é uma ferramenta fundamental para

compreender as diversas camadas de opressão que constroem a subjetividade de uma pessoa preta. Uma psicanálise efetiva precisa se atentar para estes fatos de modo a conhecer os impactos que a estrutura racista afeta as instâncias psíquicas das bichas pretas, principalmente no tocante a traumas associados a vivência social. Sendo o papel central da psicanálise investigar o inconsciente é necessário reconhecer o racismo estrutural como fator fundamental na formação de nossa subjetividade e assim tocar em aspectos como família, religião, cultura, sexualidade e ancestralidade. Abaixo iremos apresentar mecanismos metodológicos para fomentar a escuta desse grupo étnico dentro da clínica psicanalítica.

Lucas Veiga (2022) em sua obra clínica do impossível apresenta a releitura do complexo de Édipo e traz a conceituação de Complexo de Nanã: De acordo com a mitologia Yorubana, Obatalá tem a função delegada pelo seu pai, Olodumaré, de construir humanos a partir de alguns materiais: pedra ou fogo, no entanto com a pedra o resultado ficaria muito rígido, com o fogo seríamos consumidos muito rápido. Foi aí que Nanã, também pertencente ao panteão yorubano, apresenta a possibilidade de construir o ser humano com lama e assim com o sopro de Olodumaré, o ser humano ganha vida. Esse conceito parte do pressuposto que a personalidade humana é moldável assim como a lama, pois o barro pode tomar qualquer forma e depois voltar a sua forma original para daí ser moldado novamente. Se pensarmos em nós, pessoas pretas, o colonialismo europeu moldou nossa forma de ser, pensar e agir perante a sociedade. Não é incomum escutarmos pessoas pretas que pensem e ajam como brancos. Em se tratando de bichas pretas, a relevância do complexo de Nanã se faz urgente, uma vez que para a comunidade gay, a base do pensamento é branca e padrão e isso se reverbera no comportamento de bichas pretas que buscam diariamente um ideal de corpo e parceiros brancos para se inserirem dentro da comunidade. Ainda segundo Lucas (2022) pensar saúde mental para a população preta, não existe formulas. Cada pessoa preta e aqui na nossa abordagem, cada bicha ou cada bicha preta que chega na clínica necessita de escuta singular que irá nos proporcionar moldar a forma de violência sofrida ao longo de nossa primeira, segunda infância, adolescência e idade adulta.

Franz Fanon (2008) traz outra conceituação chave para o fomento da escuta na clínica psicanalítica: o duplo narcisismo. Segundo o psiquiatra, no desenvolvimento do nosso narcisismo primário somos forçados a introjetar a imagem que a sociedade branca possui das pessoas pretas. Desde muito cedo, crescemos sob estereótipos desumanizantes e vexatórios e isso impacta diretamente nossa autoimagem e autoestima. Neste período, aprendemos a nos ver sobre a ótica do opressor, Fanon (2008) vai chamar isso de “a internalização da inferioridade”. Já no narcisismo secundário, somos condicionados a pensar inconscientemente

que os atributos que o outro possui melhor, nesse caso o outro branco. Uma vez que sempre nos vimos como inferiores, buscamos o ideal do branco para sermos aceitos interna e externamente. Desejamos a aprovação por parte daqueles que nos oprimem e para isso adotamos padrões comportamentais iguais aos deles. Trazendo essas duas fases do nosso desenvolvimento narcísico para a comunidade gay, a bicha preta está inserida em um ambiente em que a moda francesa é o ápice do consumo, as músicas norte americanas são as mais ouvidas, o corpo mais bonito precisa ser branco, alto, musculoso de cabelos loiros e com olhos azuis, ou seja, tudo aquilo que foi idealizado social e economicamente pelo Norte Global desde nossa primeira infância. Nos aplicativos de relacionamento ou em qualquer meio de expressão social, a gay preta muitas vezes serve para alguns minutos de prazer sexual, quando não é rejeitada por causa dos seus fenótipos. Sendo assim, a bicha preta para se inserir na comunidade se vê na obrigação de ir para academia não por sua saúde, mas para ter um corpo escultural, começa a andar e ter relacionamentos com gays brancos para ser aceita e se coloca na obrigação de frequentar baladas mais elitizadas para poder ser bem quista. Todos esses aspectos compõem nossa subjetividade e a importância de uma escuta morfologia na clínica psicanalítica nos ajuda a reconhecer nossa história, nossas dores e demandas a fim de pensar um futuro mais preto e menos doloroso.

Assim sendo, a urgência em promover clínicas psicanalíticas afrofuturistas se torna preponderante na atualidade. O termo afrofuturismo foi cunhado pela primeira vez em 1994, quando uma série de entrevistas foram realizadas com intelectuais negros nos Estados Unidos. A ideia deste ensaio foi questionar a baixa demanda de atores negros nos filmes de ficção científica. Desde então, passou-se a utilizar este termo para definir expressões artísticas de artistas negros. Vale ressaltar que a conceituação vai para além dos movimentos artísticos, ela também é estética e social e tem como objetivo questionar os fatos históricos que deturpam o povo preto de modo que possamos construir um novo futuro em que o nosso povo esteja presente na economia, política, educação e todos os outros meios intelectuais e não intelectuais deste mundo.

Existe lugar para a bicha preta no divã? Sim, todavia cremos que é salutar uma revisão dos conteúdos nas sociedades e institutos de psicanálise do Brasil. Enquanto a maioria das formações abordarem somente conceitos de homens brancos e europeus pra tratar pessoas pretas, o vão entre teoria e prática na psicanálise com este grupo sempre será gigante. Ademais, pelo recorte social que nosso grupo sofre no Brasil, temos uma taxa de analfabetismo gigante neste país. Pretos e pretas deste são ainda o menor número dentro das Universidades e dos cursos de formação em psicanálise, até mesmo pelo valor dos cursos neste espaço.

Como dissemos, a psicanálise em 2024 ainda é classista, elitista, separatista e epistemicida. No entanto, isto está em processo de transformação; estamos ocupando espaços mesmo que sorrteiramente. Estamos construindo nomes de peso dentro da teoria psicanalítica: Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza, Isildinha Baptista, Lelia Gonzales, Frantz Fanon, Maria Lucia da Silva, Lucas Veiga, Luciene Lacerda, Edna Roland, Cida Bento e muitos outros nomes que estão transformando a psicanálise. Como diz Lelia Gonzales:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. [...] por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? [...] Exatamente porque temos sido falados, infantilizados [...], que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZÁLEZ. 1984, p. 225.)

5. Considerações Finais

No decorrer deste artigo foram discutidos o silenciamento da psicanálise clássica com a população LGBTQIAPN+ e mais especificamente com as bichas pretas que são tão marginalizadas não somente por essa ciência, mas pelas principais instituições de ensino e pesquisa nesse país.

Uma problemática tangente a este tópico está relacionada a própria formação dos psicanalistas que estudam somente as obras de teóricos europeus e se baseiam em conceitos pensados para um público específico. Brasileiros e Brasileiras pretos e pardos deste país nascem em uma sociedade que lhes dão nomes, educação, sistema político e a maneira de pensar europeia. Essas instâncias já são sedimentadas no início do nosso primeiro narcisismo e cabe ao profissional por meio da escuta especializada ajudar com que seu analisante volte para tais demandas e reconheça tais estruturas de modo a aprender a lidar com isso no seu dia a dia, no entanto ao continuar com a postura de Freud sob Yansã, além das análises não tocarem em pontos insurgentes, o psicanalista tende a tardar o

processo de seu paciente, quando não, pode até mesmo causar mais demandas de cunho psicológico. A clínica precisa ser política e a neutralidade neste espaço, só faz com que estejamos do lado do opressor.

Ressaltamos também que nossos teóricos já estão ocupando as cadeiras de prestígio neste país; não aceitaremos que nossas teorias sejam desqualificadas e que nossos corpos sejam analisados como pessoas brancas. Temos nossa história, estamos nos tornando conscientes do nosso passado e isso nos fortalecerá para desenvolver um futuro diferente. Bichas pretas estão aqui para reivindicar nosso direito na sociedade e na comunidade.

Referências Bibliográficas.

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? São Paulo: Letramento, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

G1. Brasil registra 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, uma a mais que 2022, e segue como país mais homotransfóbico do mundo. G1, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/06/24/brasil-registra-257-mortes-violentas-de-pessoas-lgbtqia-em-2023-uma-a-mais-que-2022-e-segue-como-pais-mais-homotransfobico-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ITDP Brasil. “Faltam dados sobre os negros no Brasil”, afirma Glaucia Pereira, fundadora da Multiplicidade Mobilidade Urbana. Disponível em: <https://itdpbrasil.org/faltam-dados-sobre-os-negros-no-brasil-afirma-glaucia-pereira-fundadora-da-multiplicidade-mobilidade-urbana/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

IBGE. Em 2022, rendimento-hora dos trabalhadores brancos (R\$ 20,0) era 61,4% maior que o dos pretos ou pardos (R\$ 12,4). Agência de Notícias IBGE, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35410-em-2022-rendimento-hora-dos-trabalhadores-brancos-r-20-0-era-61-4-maior-que-o-dos-pretos-ou-pardos-r-12-4>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio no País. CartaCapital, 06 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-feminicidio-no-pais/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

POLI, Ivan. "Iansã Enlouquece Freud." In *Racismo e Psicanálise: Os Impasses do Gozo*, organizado por Virginia Leone Bicudo, 135-155. São Paulo: Escuta, 2002. CARTACAPITAL.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VEIGA, Lucas. Clínica do Impossível: Desafios e Perspectivas na Psicanálise Contemporânea. São Paulo: Editora Psicologia, 2023.

TREE DIVERSIDADE. O que é afrofuturismo? Tree Diversidade, [s.d.]. Disponível em: <https://treediversidade.com.br/o-que-e-afrofuturismo/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

URIAS. *Diaba*. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z8v_dz9irD8. Acesso em: 26 jun. 2024.